

Warbreaker

Brandon Sanderson
traduzido por: Guilherme Dias

14 de Novembro de 2023

Para a Emily, que disse sim

Conteúdo

Agradecimentos

Trabalhar no Warbreaker foi um processo fora do normal de algumas maneiras; podes ler sobre isso melhor no meu website. Vale a pena dizer que eu tive um grupo de leitores alfa mais variados do que o normal, muitos deles conheço-os principalmente pelas suas contribuições nos meus forums. Tentei fazer um apanhado dos nomes de todos aqui, mas tenho a certeza que vai faltar algum. Se és um deles, envia-me um e-mail e a gente tenta colocar-te nas próximas impressões.

O primeiro agradecimento é dedicado à minha amável esposa, Emily Sanderson, com quem casei enquanto escrevia este livro. Este foi o primeiro romance que ela influenciou muito ao dar-me as suas opiniões e sugestões, a qual a sua ajuda é muito apreciada. E, como sempre, o meu agente Joshua Bilmes, e o meu editor, Moshe Feder, tiveram um enorme trabalho neste manuscrito, levando-o desde o Segundo ou Terceiro Aprimoramento até pelo menos o Oitavo.

Na Tor, muitas pessoas fizeram muito mais do que lhes era pedido. A primeira é Dot Lin, minha publicitária, com quem tem sido particularmente fixe trabalhar. Obrigado, Dot! E, como sempre, os incansáveis esforços do Larry Yoder merecem destaque, assim como o excelente trabalho do genial diretor de arte da Tor, Irene Gallo. Dan Dos Santos fez a arte da capa deste livro, e eu sugiro vivamente que passem pelo seu website e os seus outros trabalhos, porque creio que é um dos melhores no mercado neste momento. E também, Paul Stevens merece umas palavras de agradecimento por ser o elo de ligação entre a editora e os meus livros.

No departamento dos agradecimentos especiais temos Jovans3, e Dreamking47, Louise Simard, Jeff Creer, Megan Kauffman, thelsdj, Megan Hutchins, Izzy Whiting, Janci Olds, Drew Olds, Karla Bennion, Eric James Stone, Dan Wells, Isaac Stewart, Ben Olsen, Greyhound, Demented Yam, D.Demille, Loryn, Kuntry Bumpken, Vadia, U-boat, Tjaeden, Dragon Fly, pterath, BarbaraJ, Shir Hasirim, Digitalbias, Spink Longfellow, amyface, Richard “Capitão Goradel” Gordon, Swiggly, Dawn Cawley, Drerio, David B, Mi’chelle Trammel, Matthew R Carlin, Ollie Tabooger, John Palmer, Henrik Nyh, e o incansável Peter Ahlstrom.

Warbreaker

Prelúdio

Engraçado, pensou Vasher, *como muitas coisas começam comigo a ser mandado para a prisão*

Os guardas riram um para o outro, cerrando a porta da cela com um estrondo. Vasher levantou-se e sacudiu-se, rodou os ombros e estremeceu. Enquanto a parte de baixo da sua cela era de madeira, a parte de cima estava apenas vedada, e ele conseguia ver três guardas a abrir a sua sacola à procura pelos seus pertences.

Um deles notou que ele estava a observar. O guarda era um gigante de uma besta de homem de cabeça rapada e uniforme sujo que mal retinha o amarelo claro e azul da guarda de T'Telir.

Cores Vivas, pensou Vasher. *Terei que me habituar a elas de novo*. Em qualquer nação, azuis e amarelos vibrantes seriam ridículos em soldados. Isto, porém, é Hallandren: a terra de deuses Retornados, servos Não-vivos, pesquisa Bio-Cromática e - claro - cor.

O grande guarda deambulou até à porta da cela, deixando os seus amigos a delirarem-se com os pertences do Vasher.

- Dizem que és duro de roer - Disse o homem tomando medidas ao Vasher. Vasher não respondeu.

- O barista diz que dás cabo duns vinte homens numa rixa. - Disse o guarda coçando o queixo - Não me pareces tão duro assim. De qualquer forma, devias tomar melhores decisões que bater num sacerdote. Os outros, passam uma noite presos. Já tu... vais para a forca. Parvo Incolor.

Vasher virou-se. A sua cela era funcional, para não dizer nada original. Uma fina fresta ao topo da parede deixava entrar luz, as paredes de pedra escorriam água e musgo, e um farto de palha sujo decompunha-se no canto.

- 'Tás a ignorar-me? - o guarda perguntou, aproximando-se da cela. As cores do seu uniforme ficaram mais vivas, como se uma luz mais forte lhe incidisse. Foi uma mudança leve. Vasher não tinha tanto Fôlego restante, e por isso a sua aura não influenciava tanto as cores à sua volta. O guarda não notou a mudança da cor - assim como não tinha notado no bar, quando ele e os seus amiguinhos levantaram Vasher do chão e lançaram-no na sua carroça. Claro, a mudança era tão ligeira à vista desarmada que era quase impossível percebê-la.

- Ora, ora - disse um dos homens que revistava a maleta do Vasher. -

Que temos aqui? - Vasher sempre achou interessante como os homens que vigiavam as masmorras tendiam a ser tão maus, ou piores, que os homens que eles guardavam. Talvez seja de propósito. A sociedade não parecia querer saber se estes homens estavam dentro ou fora das celas, desde que fossem mantidos longe de homens mais honestos.

Assumindo que tal coisa existe.

De dentro do saco do Vasher, um guarda retirou um objeto comprido enrolado em linho branco. O homem assobiou enquanto desenrolava o tecido, revelando uma comprida e fina espada numa bainha prateada. O punho era de um puro negro. - De quem acham que *isto* foi roubado?

O guarda principal fitou Vasher, provavelmente a perguntar-se se Vasher era algum tipo de nobre. Apesar de Hallendren não ter aristocracia, muitos reinos vizinhos tinham os seus senhores e damas. No entanto que senhor vestiria um manto castanho pardo esfarrapado? Que senhor ostentaria nódoas negras de uma luta de bar, uma barba por fazer, e botas gastas de anos a andar? O guarda virou-se, aparentemente convencido de que Vasher não era lorde algum.

Ele estava certo. E ele estava errado.

- Deixa-me ver isso, - o guarda principal disse, tomando a espada. Ele grunhiu, claramente surpreso pelo seu peso. Virou a espada, apercebendo-se da proteção que prendia a bainha ao punho, impedindo que a espada fosse desembainhada. Ele removeu a proteção.

As cores à volta agravaram. Não ficaram mais vivas - não da forma que as vestes do guarda ficaram quando se aproximou de Vasher. Ao invés disso, elas ficaram mais *fortes*. Escuras. Vermelhos tornaram-se castanhos. Amarelos endureciam para dourados. Os azuis aprofundavam.

- Cuidade, amigo - Disse Vasher gentilmente - essa espada consegue ser perigosa.

O guarda retirou os olhos da espada. Tudo estava parado. Depois o guarda bufou e afastou-se da cela do Vasher, ainda carregando a espada. Os outros dois seguiram-no, levando o saco do Vasher, entrando na sala dos guardas ao final do corredor.

Cerrou-se a porta. Vasher imediatamente ajoelhou-se ao lado do farto de palha, selecionando um punhado dos melhores galhos. Tirou alguns fios do seu manto - estava a começar a desgastar-se na parte de baixo - e atou a palha para que ganhasse forma de uma pessoa pequena, talvez do tamanho de três polegadas, os seus membros eram como arbustos. Ele arrancou um pelo das suas sobrancelhas, colocou a contra a cabeça da figura de palha e tirou um lenço vermelho vivo do interior da sua bota.

E depois Vasher Expirou.

Fluiu-lhe do corpo, soprando para o ar, translúcido porém radiante, como a cor do óleo na água ao sol. Vasher sentiu a sair-lhe: Fôlego BioCromático chamavam-lhe os académicos. A maioria das pessoas chamava-lhe de Fôlego, apenas. Cada pessoa tem um. Ou, pelo menos, é assim que costuma ser.

Uma pessoa, um Fôlego.

Vasher tinha cerca de cinquenta Fôlegos, apenas os suficientes para atingir o Primeiro Aprimoramento. Ter tão poucos sabia-lhe a pouco comparando com os que ele já teve, mas muita gente consideraria cinquenta Fôlegos uma fortuna. Infelizmente, até Acordar uma figura pequena de material orgânico - usando um pouco do seu corpo como foco - consumia cerca de metade do seu Fôlego.

A pequena figura de palha estremeceu, sugando o Fôlego. Na mão do Vasher, metade do lenço vermelho vivo esmaeceu para cinzento. Vasher inclinou-se - imaginando o que queria que a figura fizesse - e completou o último passo do ritual dando a Instrução.

- Busca as chaves - disse.

A pequena figura levantou-se e franziu a única a sua única sobrancelha a Vasher. Vasher apontou para a sala dos guardas. De lá, ouviam-se gritos de surpresa.

Não resta muito, pensou ele.

A figura de palha correu pelo chão, saltou, passando por entre as barras. Vasher removeu o manto e colocou-o no chão. Era o feitio perfeito de uma pessoa marcada com cortes que se pareciam com as cicatrizes no corpo de Vasher, o capuz cortado com buracos a vazer dos seus olhos. Quanto mais o objeto era parecido com a forma e feitio, menos Fôlego era necessário para Despertar.

Vasher agachou, tentando não relembrar-se dos tempos em que tinha Fôlego suficiente para Acordar sem se preocupar com os feitios ou com foco. Eram outros tempos. Encolhendo-se, puxou por um tufo de cabelo da sua cabeça, espalhando-o pelo capuz do manto.

Mais uma vez, Expirou.

Tirou-lhe o resto do seu Fôlego. Sem isso - o manto a tremer, o lenço perdendo o resto da sua cor - Vasher sentiu-se... mais apagado. Perder o Fôlego não era fatal. De facto, o Fôlego extra que Vasher usava pertenceram a outras pessoas. Vasher não sabia quem eram; ele não tinha recolhido os Fôlegos ele próprio. Tinham lhe sido dados. Mas, claro, era assim que devia ser sempre. Uma pessoa não podia tirar Fôlegos à força.

Estar devoto de Fôlego mudava-o. As cores não pareciam tão fortes. Ele não conseguia sentir a multidão a mover-se lá em cima na cidade, uma conexão que normalmente tomava por garantido. Era a consciência que qualquer homem tem de outros - aquilo que nos dá um aviso, quando se está sonolento, quando alguém entra no quarto. No Vasher, esse sentido tinha sido aumentado cinquenta vezes.

E agora tinha ido embora. Sugado pelo manto e pelo homenzinho de palha, dando-lhes poder.

O manto estremeceu. Vasher inclinou-se.

- Proteje-me - comandou ele, e o manto aquietou. Levantou-se, colocando-se de volta aos ombros.

A figura de palha voltou à sua janela. Trazia um conjunto de chaves grande. Os pés da figura de palha estavam manchados de vermelho. Para Vasher o vermelho carmesim do sangue parecia tão mortiço, agora.

Ele tomou as chaves.

- Obrigado - disse ele. Ele agradecia-lhes sempre. Não sabia porquê, considerando particularmente o que fazia a seguir. - O teu Fôlego para o meu - comandou, tocando no peito do homenzinho de palha. O homenzinho de palha caiu imediatamente da porta - a vida a ser-lhe tomada - e Vasher recuperou o seu Fôlego de volta. O sentido de consciência voltou, o conhecimento de conexão, de pertença. Ele só podia recuperar o Fôlego porque tinha sido ele próprio a Despertar esta criatura - claro, Despertar desta forma era raramente permanente. Ele usava o seu Fôlego como uma reserva, dotando-o¹ e depois recuperando-o.

Comparando com o que ele já teve, vinte cinco Fôlegos era um número ridiculamente pequeno. Mas, comparando com nada, parecia uma infinidade. Ele arrepiou de satisfação.

Os gritos da sala dos guardas cessou. A masmorra quietou. Ele tinha que se mexer.

Vasher passou o braço pelas barras, usando as chaves para abrir a cela. Empurrou a porta grossa, apressando-se pelo corredor, deixando a figura de palha descartada no chão. Ele não se dirigiu à sala dos guardas - e para a saída para lá dela- mas virou-se ao invés para sul, penetrando mais a fundo masmorra dentro.

Esta a parte mais incerta do seu plano. Encontrar uma taberna frequentada por sacerdotes dos Tons Iridescentes foi fácil o suficiente. Envolver-se numa luta de bar - e depois atacar um desses mesmos sacerdotes - tinha sido igualmente simples. Hallendren levava a suas figuras religiosas muito seriamente, e Vasher tinha ganho não a prisão habitual, numa cadeia local, mas uma viagem às masmorras do Deus Rei.

Conhecendo o tipo de homem que costuma guardar tais masmorras, ele teve uma bela ideia de que tentariam desembainhar a Nightblood². E isso criou a distração que ele necessitava para conseguir as chaves.

Mas agora vinha a parte imprevisível.

Vasher parou, de manto Desperto roçando. Era fácil de localizar a cela que queria, porque à sua volta havia um grande bocado de pedra cuja cor tinha sido drenada, deixando tanto paredes e portas num cinzento baço. Era um sítio para encarcerar um Despertador, não existir cor significa não poder Despertar. Vasher aproximou-se da porta, olhando pelas barras. Um homem estava suspenso pelos braços ao teto, nu e acorrentado. A sua cor era vibrante aos olhos de Vasher, a sua pele um puro bronze, as suas nódoas negras brilhantes salpicos de azul e violeta.

¹Dar um dote a algo/alguém

²Não encontrei adaptação plausível

O homem estava amordaçado. Outra precaução. Para Despertar, o homem precisaria de três coisas: Fôlego, cor e um Comando³. Os harmônicos e matizes, chamam-lhes alguns. Os Tons Iridescentes, a relação entre cor e som. Um Comando tinha que ser ditado clara e firmemente na língua materna - qualquer excitação, ou pronúncia incorreta, invalidaria o Despertar. O Fôlego seria consumido, mas o objeto não conseguiria agir.

Vasher usou as chaves da prisão para destrancar a porta e depois entrou. A aura daquele homem fazia as cores muito mais vivas em comparação quando alguém se aproximava dele. Qualquer um seria capaz de reparar numa aura tão forte, apesar de ser muito mais fácil para alguém que tinha alcançado o Primeiro Aprimoramento.

Não era a aura BioCromática mais forte que Vasher já viu - essas pertenciam aos Retornados, tidos como deuses aqui em Hallendren. Ainda assim, o BioCrôma do prisioneiro era impressionante e muito, muito mais forte que o próprio do Vasher. O prisioneiro carregava muitos Fôlegos. Centenas e centenas deles.

O homem baloiçou nas correntes, estudando Vasher, os lábios amordaçados sangrando da falta de água. Vasher hesitou um momento e depois alcançou a mordaça e puxou-a.

- Tu - sussurrou o prisioneiro, tossindo ligeiramente - Estás aqui para me libertar?

- Não, Vahr - disse Vasher baixinho. - Estou aqui para matar-te.

Vahr retorquiu. Estar cativo não lhe fez bem. Na última vez que Vasher viu Vahr, este estava gordo. Pelo seu corpo escanzelado, ele não tinha comida havia algum tempo. Os cortes, as nódoas negras, e queimaduras na sua pele estavam recentes.

Tanto a tortura como o ar aterrorizado nas profundas olheiras de Vahr contavam uma verdade importante. Fôlego só podia ser transferido por uma Comando voluntário e intencional. Porém, esse Comando podia ser encorajado.

- Então, - roncou Vahr - julgas-me, como toda a gente.

- A tua rebelião fracassada não é me diz respeito. Eu quero apenas o teu Fôlego.

- Tu e toda a corte de Hallendren.

- Sem. Mas tu não o vais dar a um Retornado. Irás dá-lo a mim. Uma troca pela tua morte.

- Não parece lá muito uma troca. - Havia uma dureza - uma falta de emoção - em Vahr que Vasher não tinha reparado na última vez que se despediram, anos antes.

Estranho, pensou Vasher, que eu finalmente, passado todo este tempo, encontro algo no homem com o qual me consigo identificar.

Vasher manteve-se afastado de Vahr. Agora que o homem podia falar,

³Ordem?

podia Comandar. Porém, ele não tocava em nada à exceção das correntes de metal, e metal é muito difícil de Despertar. Isto porque nunca esteve vivo, e estava longe de ter a forma de um homem. Até mesmo no seu pico de poder, o próprio Vasher só tinha conseguido Despertar metal numas seletas e poucas ocasiões. Claro, alguns Despertadores muito poderosos podiam trazer à vida objetos em que não tocavam, mas que estavam ao alcance da sua voz. Fazê-lo, porém, era necessário o Nono Aprimoramento. Nem Vahr tinha assim tanto Fôlego. Na realidade, Vasher sabia apenas de uma única outra pessoa que tinha: o próprio Deus Rei.

Isso significava que Vasher estava provavelmente seguro. Vahr continha uma fortuna em Fôlego mas não tinha nada para Despertar. Vasher circulava o acorrentado, tendo muita dificuldade em mostrar simpatia. Vahr merecia o seu destino. Porém os sacerdotes não o deixariam morrer enquanto tivesse tanto Fôlego; se morresse, seria desperdiçado. Desaparecido. Irrecuperável.

Nem mesmo o governo de Hallandren - que tinha leis muito estritas para compra e venda de Fôlego - podia deixar um tesouro tão grande escapar. Queriam-no a ponto de impedir a execussão de um criminoso de alto calibre como Vahr. Olhando para trás, arrepende-se-iam de não o terem guardado melhor.

Mas, bem, Vasher já estava à espera de uma oportunidade assim havia dois anos.

- Então? - perguntou Vasher.

- Dá-me o fôlego, Vahr - disse Vasher, aproximando-se.

Vahr retorquiu - Dúvido que sejas tão bom como os verdugos do Deus Rei, Vasher, e só fazem duas semanas que cá estou.

- Ficarias surpreso. Mas isso não importa. Tu vais dar-me o teu Fôlego. Tu sabes que só tens duas opções. Dá-lo a mim ou a eles.

Vahr rodava devagar, pendurado pelos pulsos. Calado.

- Não há tempo para pensares - disse Vasher. - A qualquer momento, alguém vai descobrir os corpos dos guardas lá fora. O alarme vai soar. Eu vou deixar-te, e serás torturado novamente, e eventualmente quebrarás. Então todo o poder que juntaste irá exatamente para aqueles que juraste destruir.

Vahr fitava o chão. Vasher deixou o estar por uns momentos, e conseguiu ver que a realidade da sua posição estava a chegar-lhe. Finalmente, Vahr olhou para Vasher.

- Essa... coisa que carregas. Está aqui, na cidade?

Vasher acenou

- Os gritos de há bocado? Causou-os?

Vasher acenou novamente

- Quanto tempo ficarás em T'Telir?

- Durante algum tempo. Um ano, talvez.

- Vais usar isso contra eles?

- Os meus objetivos são meus, Vahr. Aceitas a proposta ou não? Morte rápida em troca dos teus Fôlegos. Prometo-te. Os teus inimigos não os

terão.

Vahr calou-se.

- É teu - acabou por sussurrar.

Vasher aproximou-se, pousou a mão na testa de Vahr - com cuidado para que nenhuma parte da sua roupa tocasse na pele do homem, não fosse Vahr buscar cor para Despertar.

Vahr não se moveu. Parecia entorpecido. E então, assim que Vasher começou a duvidar se o prisioneiro tinha mudado de ideias, Vahr Expirou. A cor drenava dele. O belo Iridescente, a aura que lhe fazia majestoso apesar das feridas e correntes. Fluía da sua boca, pairando no ar, cintilando como névoa. Vasher recebeu-o fechando os olhos.

- A minha vida à tua - Comandou Vahr, uma ponta de desespero na sua voz - Meu Fôlego coisa sua.

O Fôlego jorrou-se por Vasher, e tudo tornou-se intenso. O seu manto castanho parecia agora rico em cor. O sangue no chão era intensamente vermelho, como se ardesse. Até a pele do Vasher parecia uma obra prima da cor, a superfície marcada por pelos de um negro profundo, marcas azuis, e cortes afiados vermelhos. Havia anos que Vasher não se sentia tanta... vida.

Ele ofegou, caiu de joelhos de tão assoberbado, e teve que usar uma mão para se apoiar no chão de pedra para impedir de cair. Como é que eu vivia sem isto?

Ele sabia que os sentidos não tinham melhorado, mas ele sentia-se tão mais desperto. Mais ciente da beleza da sensação. Quando tocou no chão, maravilhou-se com a sua robustez. E o som do vento passando pela fina janela da masmorra lá em cima. Será que sempre foi tão melódico? Como é que ele não tinha reparado?

- Cumpre a parte do teu acordo. - disse Vahr. Vasher percebeu os tons na sua voz, a beleza de cada um, o quão parecidos eram com harmónicos. Vasher adquiriu ouvido absoluto⁴. Era um dom para qualquer um que atingisse o Segundo Aprimoramento. Será bom tê-lo de novo.

Vasher conseguia, claro, atingir até ao Quinto Aprimoramento, a qualquer momento, se desejasse. Iria requerer alguns sacrifícios aos quais não estava disposto. E então forçava-se a fazê-lo à moda antiga, angariando Fôlego de pessoas como Vahr.

Vasher levantou-se, retirou o lenço descolorido que tinha usado anteriormente. Atirou-o pelo ombro de Vahr e Expirou.

Ele não se preocupou se o lenço estava num formato de humano, ele não precisava um cabelo ou um pedaço de pele como foco - apesar de ter que usar a cor da sua camisa.

Vasher encontrou os olhos resignados de Vahr.

⁴Habilidade que permite identificar uma nota musical sem qualquer tipo de referência para além da frequência ouvida

- Sufoca coisas - Comandou Vasher, os seus dedos tocando o lenço trémulo.

Torceu-se imediatamente, requerindo - porém agora inofensivamente - uma grande quantidade de Fôlego. O lenço rapidamente envolveu o pescoço de Vahr, apertando-se, asfixiando-o. Vahr não se debateu ou ofegou, simplesmente observava Vasher com ódio até os seus olhos esbugalharem e morrer.

Ódio. Vasher passou por muito disso nos seus dias. Calmamente, levantou a mão e recuperou o Fôlego do lenço e depois deixou Vasher pendurado na sua cela. Vasher percorreu silenciosamente pela prisão, maravilhado com as cores das madeiras e das pedras. Passado algum tempo a andar, ele apercebeu-se de uma nova cor no corredor. Vermelho.

Ele deu a volta à poça de sangue - que escorria pelo chão inclinado da masmorra - e entrou na sala dos guardas. Os três guardas estavam mortos. Um deles estava sentado numa cadeira. Nightblood, ainda maioritariamente embainhada, tinha sido forçada peito a dentro do homem. Uma fresta de uma lâmina negra escura era visível por baixo da bainha prateada.

Vasher cuidadosamente deslizou toda a arma de volta à sua bainha. Colocou a proteção.

Portei-me muito bem, hoje disse uma voz na sua cabeça.

Vasher não respondeu à espada.

Matei-os a todos, continuou Nightblood. *Não estás orgulhoso de mim?*

Vasher pegou a espada, habituado ao seu peso fora do normal e carregou-a numa só mão. Recuperou a sua maleta e colocou-a ao ombro.

Eu sabia que ias ficar impressionado, disse Nightblood, parecia satisfeito.

1

The